

Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela

Francisco M. V. Reimão QUEIROGA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Resumo

São apresentados os vestígios arqueológicos encontrados na área urbana de Vizela, tanto os referenciados na bibliografia antiga como os descobertos em trabalhos arqueológicos mais recentes.

Palavras chave: Vizela, termalismo romano, epigrafia romana

Abstract

The article presents the archaeological evidence from the urban área of Vizela council, thus including both the information from older written sources and the results of recent archaeological excavations.

Keywords: Vizela, roman thermal baths, roman epigraphy

Introdução

A presente nota tem como objectivo sumariar o conjunto de dados arqueológicos conhecidos da bibliografia arqueológica, acrescidos de outros com os quais nos fomos cruzando ao longo de mais de uma década de intervenções arqueológicas pontuais na área urbana de Vizela.

De igual modo não se pretende com este trabalho uma apresentação exaustiva do tema, a qual será deixada para um outro momento, circunscrevendo-se os materiais de referência ao núcleo urbano e seu entorno imediato, fora dos quais não realizámos trabalho de campo. No plano cronológico, e na sua quase totalidade, as evidências arqueológicas reportam-se ao período compreendido entre o século I d.C. e antiguidade tardia.

As fontes bibliográficas

Os vestígios arqueológicos que as sucessivas obras e rearranjos das estruturas termais foram trazendo ao conhecimento público despoletaram um numeroso

conjunto de referências bibliográficas disperso por periódicos e obras diversas, que se constituem num acervo substancial para o conhecimento da Vizela antiga. A base do nosso conhecimento assenta ainda maioritariamente nos registos antigos, publicados até às primeiras décadas do século XX, através dos quais é conhecida a maior parte da informação de que hoje dispomos. Esta fase, foi dominada pela figura de Francisco Martins Sarmiento, e pelo dinamismo científico que este imprimiu a uma comunidade de intelectuais minhotos, bem assim como de Leite de Vasconcelos, incansável na recolha de informação sobre a história e a cultura do país. O seu enorme labor de recolha, registo e publicação, foi complementado pelo fluxo epistolar com outros eruditos da época, troca de impressões que incentivaram a observação e a recolha, e arrolaram inúmeras informações, as quais foram sendo gradualmente publicadas nas duas publicações de referência que são a “Revista de Guimarães”, criada por Martins Sarmiento, e o “O Archeologo Português”, por Leite de Vasconcellos.

As notícias mais antigas são-nos veiculadas por Pereira Caldas (1852), Sarmiento (1884), e Azevedo (1897), os quais recuperam informação sobre achados antigos e sua localização. A generalidade dos autores seguintes baseou-se nestas fontes, apesar de tal nem sempre ter promovido a uniformidade de alguns dos pormenores relatados em primeira mão. A importância dos vestígios divulgados promoveu a multiplicação de um acervo substancial de estudos em várias línguas, os quais nos vão permitindo descodificar a configuração deste núcleo de povoamento e das gentes que nele viveram.

Os vestígios arqueológicos

Os registos mais antigos indicam, genericamente, que foram detectadas em São Miguel das Caldas, em Vizela, vestígios de estruturas, tais como tanques, compartimentos em abóboda, revestidos por mosaicos em xadrez, bem como outras construções e sepulturas, de época indeterminada (Azevedo 1897).

No decurso dos trabalhos desenvolvidos nas diversas fases de remodelação das estruturas termais, efectuados nos finais dos séculos XVIII e XIX, foram exumando alguns vestígios de época romana. No Largo de Franco Castello Branco, topónimo urbano já desaparecido, que parece ter correspondência na actual Praça da República (Figura 1), foram referenciadas desde logo evidências enquadráveis na tipologia das estruturas termais romanas, pelo que Martins Sarmiento salientava (1884, 162) a existência de termas “...*soterradas na Lameira...*” Por 1880 terá sido posto a descoberto um mosaico romano (Acuña 1974a, 207, fig. 10; 1974b, 45-51; Azevedo 1897, 214; Chaves 1936, 87; Guimarães 1903, 243 ss; Pinto 1934, 178), do qual ficaram desenhos na Sociedade Martins Sarmiento, bem assim como outros vestígios dispersos do complexo balnear. Com efeito, têm passado algo despercebidos da bibliografia os diversos materiais de construção existentes no museu da Sociedade Martins Sarmiento, com indicação de proveniência de Vizela, os quais incluem tubagens várias, tijolos e ladrilhos com caneluras (Bouet 1999) para apoio de canalizações e, naturalmente, fragmento de mosaico, tratando-se de um conjunto funcionalmente associado a construção termal romana. Este mosaico (Figura 2) apresenta figuração geométrica policroma, sendo composto por losangos aos lados dos quais vão adossar quadrados com idêntica composição decorativa de moldura em bandas lineares com reticulado de pequenos quadrados, sendo apenas individualizados os motivos figurativos centrais.

Dois dos quadrados, situados em lados opostos, apresentam figurações do “Nó de Salomão” (Vasconcellos 1996), sendo uma angular e a outra de cantos arredondados. Os restantes dois quadrados apresentam motivos diferentes. Um tem o seu interior preenchido por um quadrado recortado de cujos lados saem linhas em projecção centrífuga, sobre o centro das quais assentam triângulos, também recortados. O centro do quadrado está preenchido por um outro mais pequeno, a cheio. O quarto quadrado, e quinto elemento desta associação decorativa, representa uma composição de “Cruz de Malta” alinhada segundo os cantos do quadrado que a emoldura. Este mosaico será atribuível a uma fase avançada do século III dC (Acuña 1974a, 209).

Mais tarde, em 1898, e por ocasião de novas obras, foi encontrado um outro mosaico integrado numa estrutura de banhos, a qual posteriormente se atulhou.

Estão depositadas no Museu Martins Sarmento algumas peças de epigrafia latina provenientes destes locais. Duas destas epígrafes são dedicadas ao deus Bormânico (Encarnação 1975, 143-8), importante divindade indígena ligada às águas termais e curativas, e com culto espalhado pela Europa céltica.

A primeira epígrafe (Figura 3) dedicada a *Bormanicus* proveio da Lameira. Documenta o cumprimento de uma promessa feita por Caio Pompeu Motugeno(?), da tribo Galéria, filho de Caturu, e natural de Uxama (Encarnação 1975, 144). Na parte inferior do campo epigráfico existe uma segunda epígrafe da qual se pode traduzir: “Se prezas a tua honra, e para servires a tua glória, impede que as crianças estraguem esta lápide”.

Em 1841 foi encontrada no Banho do Médico (Cardozo 1985, 26)¹, nas actuais termas, uma outra epígrafe (Figura 4) dedicada à mesma divindade. A sua inscrição, bastante mais lacónica do que a anterior, refere apenas o cumprimento de bom grado da promessa feita ao deus Bormânico por Medamo, filho de Camalo.

No museu da Sociedade Martins Sarmento existe uma outra lápide (Figura 5), esta dedicada ao “Génio Laquiniense” (Cardozo 1985, 33; Encarnação 1975, 191-2), proveniente do lugar do Aidro da freguesia de S. Miguel. Trata-se de uma dedicatória de Flavio, pisoeiro, filho de Flavínio, feita de boa vontade ao Genio Laquiniense. Flavio, que era pisoeiro e, possivelmente residente de um dos núcleos habitados próximos, dedica esta lápide em atitude propiciatória, ou cumprimento de alguma promessa, ao génio, ou entidade protectora do seu povoado.

Uma peça que se nos afigura como da maior importância é uma arquitrave epigrafada em granito, com cerca de três metros de comprimento, encontrada no largo da Lameira, em 1652, e da qual Mário Cardozo (1985, 64) faz a seguinte leitura: “*Dedicavit T. Flavius Archelaus Clavianus Legatus Avgsti*”. Trata-se de uma dedicatória que deveria estar integrada em parte proeminente de uma estrutura arquitectónica importante, até pelo facto de ter sido dedicada por *T Flavius Archelaus Clavianus*, legado imperial, provavelmente em celebração da sua passagem por Vizela, no século III dC.

A finalizar o conjunto de epígrafes providas da área urbana de Vizela, temos uma lápide de carácter funerário, com a epígrafe infelizmente truncada pela erosão, que

¹ - Damas (1970, 28) refere este achado como provindo do Banho do Mourisco, na margem esquerda do Vizela.

foi encontrada reutilizada na Casa de Sobrado, nas imediações da igreja de S. Miguel, (Cardozo 1985, 88), à qual se poderá juntar uma outra referida por Sarmiento (1884, 163) como proveniente da Casa do Aidro, e entretanto desaparecida.

Existem outras epígrafes de carácter cultural e votivo, mas estas provindas das redondezas, como seja a Ara dedicada a Júpiter, encontrada em 1886 nas imediações da igreja de S. Faustino de Vizela (Cardozo 1985, 51; Le Roux 1979, 57), e ainda a Ara anepígrafa proveniente do lugar de Rielho, Santa Eulália das Barrosas (Cardozo 1975, 60). Na igreja de Sto. Adrião de Vizela foi registada uma ara (Sarmiento 1884, 175-6) dedicada aos MANES, os deuses protectores da família. No seu conjunto, estas peças documentam o dinamismo religioso, e também económico, que os habitantes de *Oculis Calidarium* possuíam nos séculos I-III dC, denunciando também que esta área urbana -independentemente do seu estatuto jurídico- era um lugar central em redor do qual gravitavam romanos e indígenas romanizados.

Apesar de a maioria dos achados de época romana se localizar nas zonas termais, existem registos antigos que evidenciam a ocupação de época romana ao longo da encosta que parte da Lameira na direcção da igreja de S. Miguel. Segundo Martins Sarmiento (1884, 162), o qual cita observações de Mascarenhas Neto, terão sido encontrados “*alicerces de construções e sepulturas em pedra com fundo de tijolo*”, nas imediações da igreja de S. Miguel. Se a referência aos alicerces é manifestamente indigniástica, as características das sepulturas apontam para uma tipologia que irá desde o mundo romano provincial até à Idade Média. Além destas, são ainda referenciadas por Sarmiento outras peças encontradas ao longo dos tempos nas imediações, e em particular junto da Casa da Deveza, Campo do Pombal e Casa do Aidro (Sarmiento 1884, 162), tais como pedras aparelhadas, cerâmicas, telhas, capitéis e moedas romanas.

Sumariando este conjunto de referências antigas, temos um núcleo de vestígios arqueológicos de carácter termal situados entre o lado norte do largo da Lameira (Figura 6) e a margem do rio Vizela, os quais acompanham os diversos afloramentos termais espalhados por esta área, a juntar a vestígios de habitações e de enterramentos funerários ao longo da encosta na direcção da igreja de S. Miguel.

Em época recente, e mormente a partir da década de 90, condicionalismos legais sobre a protecção do património arqueológico permitiram o acompanhamento de algumas obras sobre as quais recaíam estas imposições. O facto de a igreja de S. Miguel se encontrar classificada, e portanto com uma área de protecção de cinquenta metros em seu redor, obrigou à intervenção arqueológica nas obras que lá se foram realizando ao longo destas duas décadas, tendo sido, neste âmbito, detectado um conjunto de vestígios que se adicionam ao acervo de informação acima referida.

Em 1998 foram detectadas no lugar da Fonte, no extremo poente de uma leira agrícola situada a nascente da igreja, diversas sepulturas de formato antropomórfico, estruturadas com pedras reutilizadas de diversos tamanhos e configurações. Apesar de a maioria integrar pedras de aparelho fruste, reaproveitadas de muros, algumas com perpianho bem lavrado, de dimensões consideráveis, e com reutilização de materiais romanos, como fragmentos de cornija e fuste de coluna (Figura 14). Anexo às sepulturas, detectou-se o alicerce de um edifício de formato sub-rectangular, alinhado a nascente-poente. Não sabemos se seria um edifício de carácter religioso, ou se um

edifício anterior que os enterramentos perturbaram. Os materiais exumados são escassos fragmentos de cerâmicas comuns domésticas de fabrico grisoso, um fragmento de vidro e materiais de construção, mormente fragmentos de *tégula e imbrex*, tubagens em cerâmica e tijolos, apontando para uma cronologia balizada entre o século V e IX/X. Salientamos o carácter superficial desta avaliação pois, após a detecção e delimitação dos vestígios, os trabalhos foram suspensos, as estruturas soterradas de novo, e o projecto re-implantado no extremo oposto da parcela agrícola, onde não se verificou ocupação antiga.

Na Quinta da Devesa, defronte da parcela acima referida, foram exumados em 1999 materiais de época romana, mormente cerâmicas comuns com cronologias entre os finais do século I e o século II dC, junto com diversos fragmentos de mós circulares e *tégula e imbrex*. Um corte do lado poente apresentava uma sucessão estratigráfica indiciadora de ocupação de época romana, apesar de o alicerce do único muro detectado apresentar tipologia de construção bastante mais tardia. Ficou a impressão de este espaço ter sido objecto de profundos remeximentos no passado, no decurso dos quais terá sido exumada a peça referida por Francisco Martins Sarmento (1884, 162) como sendo proveniente deste topónimo.

No ano de 2000 foram efectuadas sondagens de avaliação defronte da igreja de S. Miguel, no lugar da Ramada, no decurso das quais foi exumado um conjunto de muros que ocupavam todo o espaço da parcela agrícola. Trata-se de muros em aparelho poliédrico (Figuras 15 e 16) de tendência horizontalizante, de dupla face, com pedras de travamento transversal, seguindo uma técnica construtiva romana que nos é familiar em contextos do século I ao IV dC nesta região, com paralelos no Freixo, Alvarelhos e Mozinho. Os vestígios encontravam-se a uma profundidade considerável, recobertos com uma camada espessa de terra arável, e limpa de materiais. A intervenção teve um carácter de avaliação, por pequenas sondagens e valas, o que forneceu uma visão parcial das estruturas. Em todo o caso, temos a impressão de não ter sido atingido nenhum contexto de ocupação ou de interior de habitação, a julgar pela inexistência dos vestígios cerâmicos domésticos, facto que nos limita na caracterização e datação destas estruturas. De resto, a estratigrafia é muito simples, pois apresenta-nos apenas um estrato de construção e ocupação debaixo do nível de derrube. Em alguns pontos detectaram-se densos nódulos de *tégula e imbrex*, este último em larga maioria, e também se exumou a peça jazente de uma mó circular. Sendo escassos os dados disponíveis para uma caracterização cronológica, não podemos deixar de considerar a abundância do *imbrex* comparativamente com a *tegulae* como uma sugestão -ainda que discutível- de se poder enquadrar este conjunto já em época baixo-imperial ou mesmo suévico-visigótica.

No ano de 2001 no lugar da Ramadinha, a algumas dezenas de metros a poente daquele local, foi realizado o acompanhamento de uma obra de remodelação urbanística, que permitiu detectar o alicerce já bastante remexido de um muro de época baixo-imperial, no extremo nascente do terreno. Do lado oposto do terreno, a abertura de um caminho de acesso à casa descobriu a esquina de uma tegula em posição vertical que, após limpeza cuidada, revelou ser uma pequena sepultura estruturada em *tegulae* (Figura 11) dispostas na vertical, formando uma caixa de planta sub-rectangular, a qual se encontrava adossada a outras duas (Figura 12), numa interessante associação.

Temos, assim, uma sepultura central, alinhada a nascente-poente, estruturada com pedras reutilizadas, de muros, lajeados e cunhais, e à qual faltava a tampa. Do seu lado norte está adossada uma outra, esta ainda intacta e com tampa composta por duas peças arredondadas de pedra fruste, que não foi escavada. Crê-se que a orientação das sepulturas poderá dever-se a uma tentativa de aproximação à regulamentação canónica (W – E), ainda que o desvio na orientação seja nítido. Os materiais exumados nesta zona apresentam grande diversidade, desde cerâmicas comuns romanas alaranjadas e grisosas, até um pequeno fragmento de *sigillata*, vidros e restos de pregos em ferro, bem como plástico e faiança, o que sugere tratar-se de contextos de perturbação continuada, que pouco nos ajudam a datar estas sepulturas. Tentando conciliar a utilização de *tegulae* na construção da primeira sepultura e a cronologia das restantes, estruturadas com pedras, propomos uma datação dos séculos VII-IX para estas sepulturas.

Algumas dezenas de metros a sul deste conjunto, numa pequena parcela do lado direito da estrada de acesso à igreja de S. Miguel, foram em 2001 abertos caboucos para a construção de uma moradia, tendo um destes caboucos cortado o topo de um muro e uma sepultura. Efectuada a limpeza manual, detectou-se o alicerce de um muro em pedra aparelhada, de dupla face, e construção pouco cuidada, aparentando reutilização de materiais de outras estruturas. Esta estrutura, que apresenta uma espessura média de 70 centímetros, alinha sensivelmente na direcção Nordeste-Sudoeste. Este muro foi cerceado pela implantação da sepultura, que lhe é posterior. Da sepultura só sobreviveu a metade anterior. A tampa seria formada por duas peças, sendo a caixa da sepultura definida por um conjunto de pedras bem aparelhadas (Figura 13) —algumas até revelando polimento— sendo os alinhamentos laterais fechados por uma pedra de través no lado anterior. A caixa assenta na alterite granítica, a qual foi escavada na medida do necessário para o assentamento das pedras. Daí que se notem algumas diferenças de nível no interior da sepultura, sendo a mais visível a da pedra de fecho dos pés. O interior da sepultura não revelou qualquer mobiliário, apenas alguns fragmentos de cerâmicas diversas, maioritariamente produções romanas regionais do século IV. Dos esqueletos apenas temos vestígios, sob a forma de algumas ténues manchas acastanhadas e de configuração alongada.

Em 2005, e por ocasião da construção de uma creche e anexos funcionais, no espaço do passal a nascente da igreja de S. Miguel, detectou-se um amplo e denso conjunto de sepulturas, um forno e um conjunto de muros (Figura 7). A maioria das sepulturas é composta por pedras reutilizadas de construções romanas, integrando bom perpianho —algum com almofada—, cornijas, fragmentos de colunas e lajes de pavimento. Uma das sepulturas (Figura 10) é integralmente feita em ladrilhos de cerâmica. Posto que a maioria das sepulturas estava intacta, constatou-se que se tratava de sarcófagos nos quais o cadáver era deposto, sem recobrimento com terra. Dos restos inumados nada sobreviveu, exceptuando alguns poucos dentes, o que atribuímos à acentuada acidez do terreno. O único espólio detectado foi um magnífico jarro, com asa grafitada², encontrado numa das sepulturas (Figura 8), depositado junto aos pés do defunto. Sobrepondo-se às sepulturas, temos alicerces de construções que reutilizam

² - Sobre este importante achado nada mais adiantaremos, em virtude de o seu estudo detalhado ser apresentado na tese de doutoramento de Andreia Arezes.

também pedras romanas, e que cremos não serem anteriores à Baixa Idade Média. Do lado nascente do espaço intervencionado, exumou-se uma estrutura com configuração circular (Figura 9) e cerca de um metro de diâmetro. Apesar de apresentar manifestas semelhanças com fornos cerâmicos encontrados em castros romanizados, estranha não terem sido encontrados nem carvões nem qualquer tipo de material que proporcionasse a compreensão do conjunto, cuja interpretação fica em aberto.

No decurso da obra de arranjo urbanístico da Praça da República, em 1996, a qual acompanhamos por solicitação da Câmara de Guimarães, foram descobertos alguns vestígios arquitectónicos romanos. Os achados de maior relevo situam-se do lado norte desta praça, onde foram exumadas algumas estruturas balneares, nomeadamente o *praefurnium* e *caldarium*, bem como vestígios de pavimentos com mosaicos e uma complexa rede de condutas e esgotos. Tratando-se de um acompanhamento arqueológico de uma obra com um ritmo bastante acelerado, concentrámo-nos em limpar e registar o máximo possível de evidências e estruturas que os trabalhos foram pondo a descoberto. Constatou-se a existência de um espaço que identificámos como *praefurnium*, com as padieiras de entrada bastante calcinadas pelo fogo (Figura 19), sendo ainda visíveis no seu interior escassos vestígios dos colunelos em ladrilhos e um cuidado revestimento com argamassa, já muito degradado (Figura 17), que revelava indícios de ter sido objecto de reparações. Adjacente a esta entrada, parece-nos ver uma outra (Figura 18), que poderá indiciar um conjunto de piscinas neste local. Adjacente ao *praefurnium* temos uma piscina, já muito degradada por sucessivas escavações (Figura 19), dentro da qual existe um poço de captação de água para as termas modernas, a qual cortou o lado sul da piscina. Do lado norte, e assente em *opus signinum*, temos restos de pavimento em mosaico (Figura 20), cujas tesselas se encontram bastante degradadas pela corrosão ambiental de água e solo. Trata-se de uma composição de quadrados e saústicas em linhas negras sobre fundo branco.

As construções apresentam um aparelho uniforme em *opus incertum*, por vezes reticulado (Adam 1995, 139-43), semelhante ao que temos visto utilizado em Bracara Augusta em estruturas romanas datáveis do século I dC.

Apesar de não ter sido feita qualquer escavação programada, mas apenas acompanhada a evolução da abertura das valas, foi possível estabelecer que as estruturas termais se circunscrevem ao extremo norte da praça, podendo estender-se por debaixo da linha do casario que a delimita por este lado. No espaço que medeia a linha das estruturas exumadas e a embocadura da Avenida Abade de Tagilde, onde se escavou, foi realizada uma prospecção geofísica³, por meio de radar do solo, a qual não denunciou a existência de irregularidades diagnósticas da existência de estruturas. De resto, todo o espaço entre o início desta avenida e o extremo sul da praça se revelou isento de estruturas e vestígios. Por esta razão se nos afigura exagerada a sugestão, veiculada até à data (Frade 1993, 881), da existência de grande número de ruínas de tanques, apesar de desconhecermos o que possa existir junto às margens do rio Vizela, onde as referências bibliográficas antigas posicionam alguns vestígios. Poderá, talvez, concentrar-se aqui um núcleo significativo de estruturas termais.

³ - Este estudo foi realizado pelo Prof. Doutor Fernando Almeida, da Universidade de Aveiro, a quem muito agradecemos a colaboração.

Considerando o conjunto de achados detectados em redor da igreja de S. Miguel, não podemos deixar de sentir algum desconforto ao pensar em todo o manancial de vestígios arqueológicos que estão situados fora da área de protecção deste imóvel e têm vindo a ser destruídos pela urbanização, sem qualquer registo arqueológico, pois os dados disponíveis apontam para uma ocupação que se estenderá pela encosta entre a igreja de S. Miguel e o extremo norte da Praça da República. Neste espaço se situa o actual complexo denominado “Fórum Vizela”, cuja construção terá afectado uma ampla área de vestígios habitacionais de época romana.

Considerações finais

É possível que as qualidades termais de Vizela fossem reconhecidas já pelos habitantes dos castros localizados nos cabeços próximos, mormente por se tratar de águas que brotam a uma temperatura considerável. Tem sido sugerido que a utilização das suas águas pelos romanos, remontará aos inícios do século primeiro antes de Cristo (Costa 1949, 852). Esta hipótese é plausível, se bem que os indícios de que dispomos sobre a romanização do local não apontem para tal antiguidade.

As evidências arqueológicas de que dispomos sugerem que Vizela teve ocupação continuada desde o século I dC até ao presente. Primeiramente assente numa estrutura urbana romana cuja configuração jurídica desconhecemos, pesem os fortes argumentos de ter sido capital de *civitas* (Alarcão 1995-96, 27) mas à qual não seria estranho o termalismo como elemento catalisador da fixação. Os dados disponíveis de momento, indicam que a mancha de ocupação em época romana se circunscreverá ao espaço entre o complexo termal, no extremo Norte da Praça da República, e a igreja de S. Miguel. Neste espaço se posicionam a maioria dos achados dispersos antigos bem assim como as evidências obtidas em trabalhos mais recentes. Ora, mesmo tendo em mente que no mundo romano o estatuto jurídico/administrativo de um aglomerado nem sempre seria consentâneo com o seu tamanho e complexidade, pensamos não dispor ainda de dados para definir com clareza o estatuto deste povoado no quadro dos aglomerados secundários de época romana (Alarcão 1998; Pérez Losada 1998, 166-7, 171-2; e 2002).

Com a dissolução da estrutura administrativa romana, Vizela parece ter mantido um número de habitantes considerável, e solidamente cristianizado, que justificaria o seu arrolamento no conjunto das paróquias de época suevico/visigótica. Naturalmente que terá mantido esta estrutura durante a reconquista (Costa 1981), época na qual se terá multiplicado as paróquias, como símbolos identitários e de fixação de uma população que mais se terá disperso na paisagem por influxo dos presores, meteorizando-se por esta altura os núcleos paroquiais.

O conjunto epigráfico proveniente deste espaço atesta a importância da água termal como catalizador da ocupação e fruição do local, aqui indiciada pela presença das divindades aquáticas. Desconhecemos se *Bormanicus*, divindade indígena de raiz céltica, associada às águas curativas, teria sido o patrono, ou divindade tutelar, das termas de *Oculus Calidarium* (Vasconcellos 1913, 275), ou então apenas deus da particular devoção de alguns habitantes, ou frequentadores das termas, com poder económico substancial. O facto de as únicas referências a *Bormanicus* conhecidas no país serem provenientes de Vizela, parece indicar a importação do culto desta divindade,

talvez mais do que a ténue aceitação pelos romanos de uma divindade local, isto é, já integrada no panteão indígena anteriormente à conquista. Outras divindades aquáticas, as ninfas, são referidas em epígrafes situadas nas proximidades (Cardozo 1926, 67), em Guimarães e Tagilde, facto que reforça a sugestão que *Oculus* seria um núcleo fortemente agregado ao culto de divindades aquáticas. Deste conjunto epigráfico também tiramos uma outra importante lição, a partir da raríssima evocação dos transeuntes para protecção da epígrafe contra as malfetorias das crianças. Podemos, assim, inferir que estas lápides estariam colocadas em lugar público, talvez uma praça ou rua, pois não queríamos nesta fase dos conhecimentos aventar a existência de estruturas urbanas mais complexas em Vizela, como um *forum*. As devoções particulares a divindades de uns, que outros podem ignorar completamente, multiplicam-se no âmbito do amplo politeísmo romano do período imperial. Quanto às crianças, e finalmente, constata-se por esta epígrafe que cerca de vinte séculos pouco mudaram da sua propensão para irreverências e malfetorias.

A dedicatória de *T Flavius Archelaus Claudianus* é também um documento da maior importância para o entendimento da Vizela antiga, por se tratar de um documento de carácter eminentemente político, à semelhança do que ainda hoje se faz por ocasião das inaugurações e das visitas de estado. A passagem deste legado imperial por aqui parece reflectir algum prestígio e estatuto deste núcleo urbano, sendo, portanto, merecedor de uma evocação no que, presumimos, seria a sua estrutura urbana mais significativa: as termas. A ter sido assim, impõe-se-nos a possibilidade de *Oculus Calidarium* não ser um núcleo habitado com a estrutura urbana tradicional do mundo provincial romano, mas sim uma estância termal, apenas com as estruturas necessárias ao seu funcionamento, e até mesmo uma ocupação eventualmente marcada por alguma sazonalidade. Estas são dúvidas que só a futura investigação arqueológica poderá clarificar, se o terreno nos for propício.

Quanto à contextualização dos enterramentos detectados, e tendo em mente a sistemática falta de espólio nas sepulturas, cremos que tal se possa explicar no quadro do articulado no cânone LXVIII do II Concílio de Braga, de 572, que interditava o banquete ritual e a deposição de géneros alimentares nas sepulturas, mesmo que essas libações se destinassem a Deus (Gomes 2002, 376). Será só na sequência da unificação religiosa, resultado de decreto emanado do II Concílio de Toledo, de 589, que nos cemitérios hispano-visigóticos, onde figuravam muitas câmaras de inumação sem qualquer mobiliário fúnebre, se começa a verificar o reaparecimento tímido de enterramentos acompanhados de espólio. Este seria limitado, podendo reduzir-se a uma única vasilha cerâmica, ou a um placa de cinturão. No primeiro caso, o da vasilha, iria ao encontro da tradição hispano-romana, enquanto no segundo, referente à placa de cinturão, se liga à mentalidade e aos costumes especificamente visigóticos (Alvarez- Rodríguez 1995, 301). A ausência de materiais, e em particular elementos de vestuário, indicia que o enterramento era feito com mortalha. Por seu lado, as sepulturas, e apesar da grande diversidade de soluções decorrente da reutilização das pedras que as constituem, apresentam todas uniformidade dentro da tipologia em “sarcófago”. Designamos como sepultamento em sarcófago a inumação na qual o corpo era depositado na sepultura, não sendo recoberto por terra. O sepulcro era coberto com uma tampa cuja função era selar a sepultura. Nos casos nos quais a cobertura é

feita com lajes que cobrem apenas parte da sepultura, nota-se o cuidado de colmatar os espaços entre as lajes, com pequenas pedras. A quase totalidade das sepulturas escavadas em torno da igreja de S. Miguel apresenta a tipologia em sarcófago, não se nos afigurando, pela sua vulgarização, que este modelo denuncie diferenciações sociais (Torres – Macias 1996, 29). Em alguns dos exemplos escavados junto à igreja de S. Miguel, chamou a atenção o espaço útil das sepulturas, que excedia os dois metros de comprimento. Esperemos que futuros dados osteológicos nos permitam verificar se estas dimensões são meramente simbólicas, ou se destinariam a alojar indivíduos de grande estatura, eventualmente afiliados a um fundo étnico germânico.

Por último, evoquemos uma particularidade das necrópoles da época visigótica que coincide com o verificado na ampla necrópole de S. Miguel. Na generalidade dos casos, o túmulo é anónimo, sem epítáfios, pois a função deste seria a perpetuação do nome, exaltando a individualidade e personalidade do defunto. Como tal, apesar da existência de algumas excepções como os casos de Mértola e Silveirona, que forneceram epígrafes em quantidade, parece também existir, neste domínio, uma oposição entre as práticas vigentes em necrópoles de origem germânica e as que vigoravam, por sistema, nas de tradição romana. Neste sentido, detectamos na configuração dos sepultamentos existentes na envolvente da igreja de S. Miguel elementos consonantes com a “... *despersonalização do cemitério hispano-visigótico...*” (Barroca 1987, 82), que representa um novo modo de perspectivar o morto e de lhe prestar culto.

Neste vasto espaço funerário, onde presumimos existirem vestígios de estruturas religiosas, no lugar da Fonte, pode indiciar-se a feliz, mas rara, ocorrência de se poder localizar com precisão o local central de uma referência histórica: a paróquia suévico-visigótica de *Oculus Calidarium* (Alarcão 2000, 34). Os vestígios que aqui surjam serão de inquestionável importância para o entendimento da evolução das casas e do urbanismo do Baixo Império para a Idade Média nesta região, bem assim como dos modelos de reorganização da sociedade na antiguidade tardia.

Bibliografia

Acuña

1974a: Acuña Castroviejo, F. - Consideraciones sobre los mosaicos portugueses del convento bracarense. *III Congreso Nacional de Arqueología*, Porto (1974).

1974b: - Mosaicos Romanos de Hispania Citerior. III Conventus Bracarenensis. *Studia Archaeologica* 31, Valladolid.

Adam

1995: Adam, J.-P. - *La Construction Romaine*. Paris, Grands Manuels Picard, Picard (3ª ed., 1ª ed. 1984).

Alarcão

1983: Alarcão, Jorge de - *Portugal Romano*. Lisboa (3ª ed.; 1ª ed. 1973).

1988: Alarcão, J. - *Roman Portugal*. (3 vols.) Harris & Philips, Warminster.

1995-96: Alarcão, Jorge de - As *civitates* do Norte de Portugal. *Cadernos de Arqueologia* 12-13 (SII), Braga, 25-30.

1998: Alarcão, Jorge de - Três níveis de aglomerados populacionais romanos. *O Arqueólogo Português* 16 (4ª s), Lisboa, 175-86

2000: Alarcão, Jorge de - As paróquias suévikas do território actualmente português. In *Religión, Lengua y Cultura prerromanas de Hispania*. Ediciones Universidad Salamanca, Salamanca, 30-59

Alvarez-Rodríguez

1995: Alvarez, J.A. Abásolo; Rodríguez-Aragón, F.P. - Arqueología Funeraria en Hispania durante el Bajo Imperio y la Época Visigoda. *Arqueología da Morte. Arqueología da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievo*. Xinzo de Limia, 291-306

Azevedo

1897: Azevedo, P.A. - Noticias archeologicas colhidas em documentos do seculo XVIII. 1 Ruínas das caldas de Vizella. *O Archeólogo Português* 3 (1ª S), 214-17, 247-52.

Barroca

1987: Barroca, Mário Jorge - *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*. Porto, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.

Bouet

1999: Bouet, Alain - *Les matériaux de construction en terre cuite dans les thermes de la Gaule Narbonnaise*. Bordeaux, Ausonius Publications, Scripta Antiqua.

Caldas

1852: Caldas, J.J. da S. Pereira - *Noticia archeologica das Caldas de Visella*. Guimarães.

Cardozo

1926: Cardozo, M. - Consagrado às ninfas. *Revista de Guimarães* 36 (1-2) Guimarães, 64-9.

1985: Cardozo, M. - *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento*. Guimarães (3ª ed.).

Chaves

1936: Chaves, L. - Mosaicos lusitano-romanos em Portugal. *Revista Archeológica* III.

Costa

1949: Costa, A. - *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, 12 Vols.

Costa

1981: Costa, A.J. - *Povoamento e colonização de território vimaranense nos séculos IX a XI*. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, 135-96.

Damas

1970: Damas, Júlio - *Vizela, Tágilde e S. Gonçalo. Ensaio Monográfico*. Vizela.

Encarnação

1975: Encarnação, J D' - *Divindades indígenas sob domínio romano em Portugal*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

Frade

1993: Frade, Maria Helena Simões - As termas medicinais da época romana em Portugal. *Actas do II Congresso Peninsular de Historia Antiga*, Coimbra, 873-900.

Gomes

2002: Gomes, Mário Varela - A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves).

Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 5, n.º 2, 339-391

Guimarães

1903:Guimarães, J.G.O. - Mosaicos Romanos de Portugal. 2 Mosaicos de Vizela.

O Archeólogo Português VIII, 243-6

Le Roux

1979:Nouveau temoignage du culte de Jupiter dans le conventus bracarus. *Minia* 2^{as}. n.º2, 57-61.

Leal - Ferreira

1873-90:Leal, A.P.; Ferreira, A. - *Portugal antigo e moderno*. Lisboa

Mascarenhas Neto

1792:Mascarenhas Neto, José Diogo - Memórias sobre antiguidades das Caldas de Vizella. Lisboa, Memórias de Litteratura da Academia Real das Ciências 3, 93-110.

Mattoso

1996:Mattoso Mattoso Mattoso, J. - Os rituais da morte na liturgia hispânica (séculos VI a XI). in Mattoso, J. (Editor), *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Edições Sá da Costa, Lisboa, 55-74

Pérez Losada

1998:Pérez Losada, Fermín - Cidades e aldeias na Galiza romana: uma proposta de classificação hierárquica do habitat galaico-romano. *O Archeólogo Português* 16 (4^a s), Lisboa, 157-74

2002:Pérez Losada, Fermín - *Entre a Cidade e a Aldea. Estudo arqueohistórico dos "aglomerados secundários" romanos en Galicia*. Brigantium 13, A Coruña

Pinto

1934:Pinto, R.S. - Inventario dos mosaicos romanos em Portugal. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*, vol. 1, Madrid, 161-79.

Sarmento

1884:Sarmento, F.M. - Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 1, 161-89.

Torres - Macias

1996:Torres, Claudio; Macias, Santiago - Rituais funerarios paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mértola. In Mattoso, J. (Editor), *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Edições Sá da Costa, Lisboa, 11-44

Tranoy

1981:Tranoy, A. - *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris, Publications du Centre Pierre Paris 7.

Vasconcellos

1913:Vasconcellos, J.L. - *Religiões da Lusitania*. (1897 vol. 1, 1905 vol. 2, 1913 vol. 3), Lisboa.

1996:Vasconcellos, J.L. - *Signum Salomonis. A Figa. A Barba em Portugal*. Lisboa, Portugal de Perto, Publicações D. Quixote



Fig. 1 – Planta da área urbana de Vizela, localizando os achados recentes de época romana e alti-medieval.



Fig. 2 – Organização decorativa do mosaico romano encontrado nas termas.
 Rearranjo da ilustração existente na Sociedade Martins Sarmento.

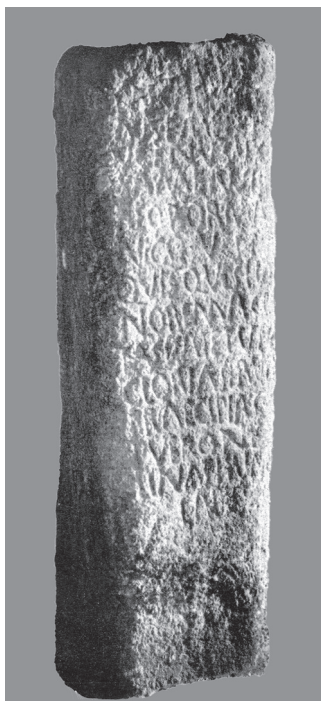
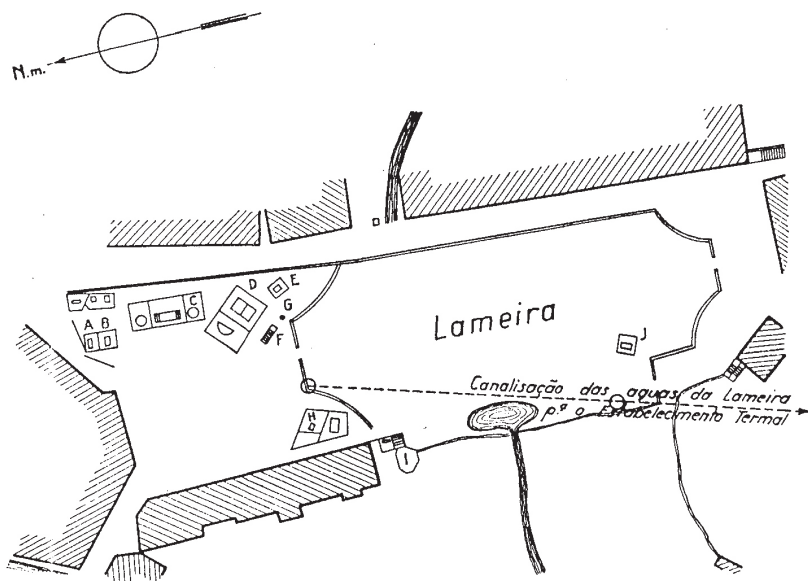
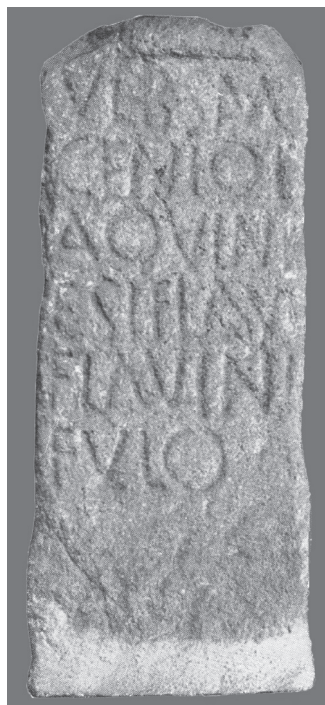


Fig. 3 – Epígrafe dedicada ao deus Bormânico encontrada na Lameira, depositada no Museu da Sociedade Martins Sarmento.



Fig. 4 – Epígrafe dedicada ao deus Bormânico encontrada em 1841, no Banho do Médico, depositada no Museu da Sociedade Martins Sarmento.

Fig. 5 – Epígrafe dedicada ao Génio Laquiniense, proveniente do lugar do Aidro da freguesia de S. Miguel, e depositada no Museu da Sociedade Martins Sarmento.



A - Quatro Cabeças; B - Contraforte; C - Romano; D - Grande; E - Humanidade; F - Tanque das pipas;
G; Nascente Ferreira Caldas; H - Bomba Forte; I - Bica da Lameira; j - Banho da lameira.

Cópia de planta das Termas da Lameira, com indicação de alguns dos vestígios antigos.
(Publicada em *Águas de Portugal* em 1939, datada de 22-3-1887, da autoria de Cesário Augusto Pinto,
possivelmente baseada na planta de Alberto Pedro da Silva, de 7-4-1885)

Fig. 6 – Planta dos banhos antigos da Lameira, com indicação dos vestígios romanos, publicada em 1939.



Fig. 7 – Lugar da Fonte.
Vista geral da necrópole no local da construção da creche, após concluída a escavação.



Fig. 8 – Idem.
Pormenor da sepultura onde apareceu um jarro, após o levantamento da tampa.



Fig. 9 – Idem.
Vista geral do possível forno cerâmico, após conclusão da escavação.



Fig. 10 – Idem. Vista da sepultura que forneceu o jarro, anexa à sepultura estruturada com ladrilho romano, após a conclusão da escavação.



Fig. 11 – Lugar da Ramadinha.
Pequena sepultura estruturada com *tegulae*.



Fig. 12 – Idem.
Vista geral do conjunto das três sepulturas adossadas, das quais só uma estava intacta.



Fig. 13 – Parcela sul do lugar da Ramadinha.
Pormenor do muro interrompido pela sepultura.



Fig. 14 – Lugar da Fonte.
Aspecto de uma sepultura em sarcófago, com 2 metros de comprimento no interior, que reutiliza materiais de construção romanos.



Fig. 15 – Lugar da Ramada.
Vista geral de dois muros, de diferentes fases de construção, com alinhamento quase coincidente.

Fig. 16 – Idem.
Pormenor do cunhal de um muro, o qual se sobrepõe ao alicerce de um outro, mais antigo.



Fig. 17 – Termas da Praça da República.
Pormenor do interior do *praefurnium*, junto à entrada.

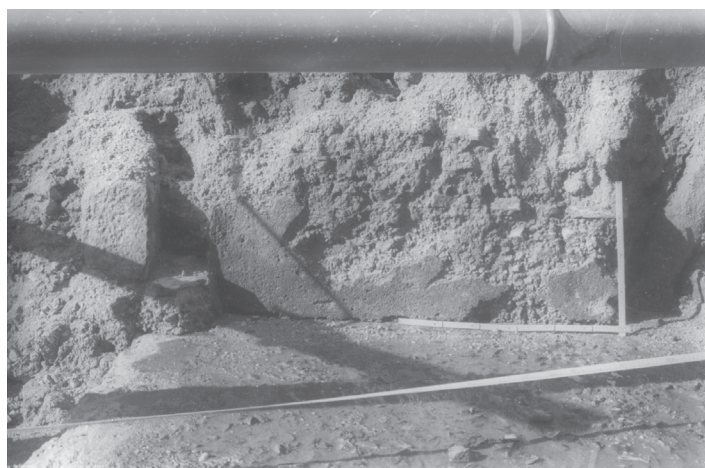


Fig. 18 – Idem.
Estrutura adjacente à entrada do *praefurnium*, sugerindo um outro tanque.





Fig. 19 – Idem. Vista geral do tanque notando-se o estado de degradação avançado, fruto de sucessivos rearranjos das captações de água termal, um dos quais é visível ao centro.

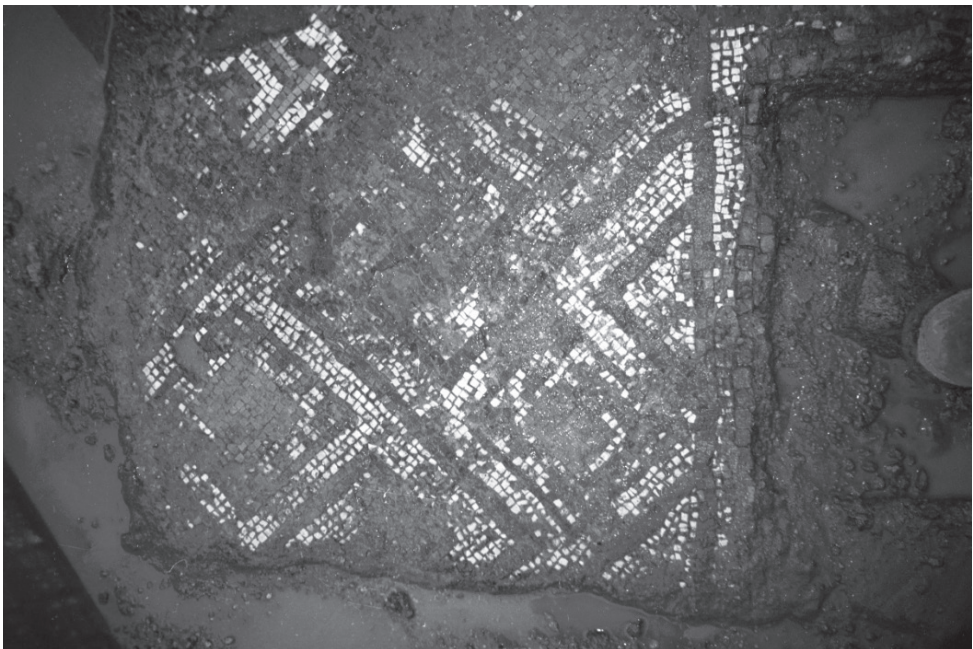


Fig. 20 – Idem. Pormenor do fragmento melhor conservado do mosaico junto ao tanque termal.

